

Constituinte: a outra

OTTO LARA RESENDE

"Coisa nenhuma cansa mais do que ser livre." Monteiro Lobato.

Como no verso de Manuel Bandeira, fazia um calor danado. Era aquele verão carioca que aperta sem chuva no veranico de janeiro. Por mal dos pecados, eu vestia uma fatiota cortada em Minas. Um terno azul de casemira. Os tecidos e os costumes ainda insistiam em ignorar a latitude tropical. Ali estávamos no ato solene da instalação da Assembléia Nacional Constituinte. 1º de fevereiro de 1946. As eleições tinham-se realizado a 2 de dezembro de 1945. Amanhã faz 40 anos que eu votei pela primeira vez. Quanto custa ser brasileiro! O sujeito nasce crivado de perigos e corre o risco de morrer na menoridade cívica e política. Abertas as urnas de 45, frustrou-se em boa parte a expectativa democrática. Seja pelo alistamento compulsório, seja pela manipulação da máquina do Estado, a ditadura tinha conseguido pular com habilidade a fogueira eleitoral.

Longe de sair chamuscada do outro lado, saiu prestigiada. Ou pelo menos saíram prestigiados os homens que dela participaram. Hoje, à distância, é possível reconhecer que o governo autoritário era mais popular do que pensávamos. Deposto pelas forças armadas a 29 de outubro de 1945, depois de 15 anos de poder, sem jamais ter sido eleito pelo voto direto, Getúlio Vargas de fato era visto com simpatia pelo zé-povinho. Era o pai dos pobres, o líder de um populismo nascente, mais inclinado a reverenciar as benesses do paternalismo do que os valores jurídicos da ordem social. Não sei se o próprio Getúlio esperava a consagração que teve nas urnas. Perguntei-lhe isto, quando, repórter do GLOBO, fui entrevistá-lo no apartamento do Senador Amaral Peixoto, na Av. Ruy Barbosa. Fiquei horas vendo o beija-mão das madalenas arrependidas, que vinham lhe tomar a bênção. Getúlio me respondeu de maneira evasiva. Estava gordo, amável, satisfeito. Se não reconciliado com a vida, ao menos com as urnas.

O ex-ditador (era como se escrevia na imprensa, mestra em perder eleições) chegou ao Rio depois da instalação da Constituinte. Publicado o resultado oficial, deixou-se ficar em São Borja, no reencontro com as suas origens. Depois optou pelo mandato de senador pelo PTB do Rio Grande do Sul e espichou por um bom pedaço de tempo a sua astuciosa omissão. A lei permitia a disputa simultânea de vários mandatos legislativos. O candidato Getúlio não mexeu um dedo. Não fez campanha. E ganhou por toda parte. Se duvidassem, era capaz de se eleger deputado federal em todos os Estados. Um campeão do que ele próprio tinha proscrito e temido a vida toda — o voto. O mesmo voto que não enche barriga.

Na Presidência da República, o General Dutra tinha um mandato novinho em folha. Condestável do Estado Novo, condecorado com a Cruz de Ferro pelo Chanceler Hitler, Dutra tinha derrotado o Brigadeiro Eduardo Gomes. O Brigadeiro era bonito e era solteiro. Dutra era feio e era casado. Abandonado pelo getulismo até a undécima hora, parecia o candidato de ninguém. Dentro de pouco tempo seria viúvo. Foi só o tempo de Dona Santinha cumprir a promessa de mandar erguer a capela no Palácio Guanabara e fechar o jogo. Convém sempre conhecer as promessas e os caprichos da Primeira-Dama. Dutra permaneceu na Presidência por cinco anos. Seu mandato era de seis anos. Um acordo na Constituinte entre a maioria e a minoria cortou-lhe um ano. Ele aceitou. Na República, a norma pelas urnas foi sempre o quadriênio. Mas governo autoritário adora mandato cumprido. Vide 1964 e suas seqüelas. Ou lede Máximo Vargas-Llosa: "Quem Assume o poder, nesta parte do mundo, é sempre tentado a fundar um sistema que lhe assegure a perpetuidade e a impunidade, para as-

sim fechar a porta à crítica e à oposição". A direita e à esquerda.

Amargando a derrota das forças que tinham hostilizado o Estado Novo e combatido o paternalismo de Getúlio, os democratas de todos os matizes, os ressentidos inclusive, enchiam a boca e inflavam o peito com a perspectiva da Assembléia Nacional Constituinte. Iamos ali zerar a vida política. Começar de novo. Inaugurar o Brasil livre, justo, estável. Um país adulto, moderno, liberto do humilhante salvacionismo militar. Liberto de tutelas e assombrações. Pouco importa que na Presidência estivesse o antigo Ministro da Guerra da ditadura e não o casmurro herói dos 18 do Forte. Modesto, de pouca fala, inclinado à humildade e sem razões de orgulho fátuo, Dutra tinha optado por ser o Presidente de todos os brasileiros, como ele próprio o disse. As urnas o tinham abençoado e, fora o horror irracional aos comunistas, podia passar por um líder conservador para a transição. Já pintava no horizonte a coalizão partidária, que juntava no mesmo saco as "forças assemelhadas". A mesma farinha. A conciliação de sempre, com medo do populismo. Medo de fantasmas. Medo de mudar. Medo.

Naquele calor danado, gravata apertada, eu tinha em sobressalto o coração. Coração cívico de eleitor de Eduardo Gomes. Assisti ao encerramento da convenção da UDN no Teatro Municipal e recusei o distintivo udenista que quiseram pendurar na minha lapela. Não queria ser militante partidário. Simpatizava com a Esquerda Democrática dos meus amigos Domingos Velasco, Osório Borba e Hermes Lima. De João Mangabeira, discípulo amado de Ruy Barbosa. O Partido dos intelectuais, cheio de boas intenções e vazio de eleitores. Jornalista, repórter político, entendia, como de si mesma dizia a Igreja, que devia ficar fora e acima dos Partidos. Diante da Assembléia Nacional Constituinte, ao contrário de Fabrizio del Dongo, todos nós pretendíamos ter consciência da batalha de Waterloo. A ditadura tinha sido derrotada. Era hora da grande batalha democrática, que ia regenerar os costumes, dar uma lei básica ao Brasil, reformar a sociedade, modernizá-la, impor o Estado de Direito e inaugurar o mundo da Paz, da Liberdade e da Justiça. Fazíamos farto consumo de maiúsculas para anunciar o Mundo de Amanhã. Ditadura nunca mais. Nunca mais tortura. Nunca mais aquelas coisas feias que nos humilhavam. A ideologia democrática estava vitoriosa em todo o mundo, à custa de muito sangue, muito heroísmo. Muita resistência. Podíamos enfim nos ufanar do nosso País.

Guardadas as devidas proporções, quase todos os jornalistas credenciados junto à Constituinte éramos resistentes. O grande arco da aliança soviético-americana tinha ainda acesas as suas luzes. Por mim, torci desde a primeira hora pelos aliados. Cultivei um sagrado horror aos ditadores. Execrei as doutrinas totalitárias, inclusive o integralismo italo-indígena. Estudante em 1942, na prova de Direito Constitucional produzi um libelo contra a carta de 1937. O ponto sorteado era sobre constituições flexíveis. Na imprensa sob censura, fazia-se o possível para proclamar aos quatro ventos a nossa fé democrática. "O Diário", de Belo Horizonte, sob a liderança de Edgar da Mata-Machado, abrigava uma espécie de esquerda católica que tinha em Maritain o nosso guru. Democratas em nome de Deus. Quem não se segurou por aí acabou nas tristes células do Partido Comunista. Mas sobre todos nós, quase imberbes, as barbas de Marx, como as de Freud, exerciam irrecusável fascínio. Mais do que enfrentar o mundo, achávamos que íamos fundar um mundo. Pretensão e água benta...